

REFLEXÕES SOBRE O TRAUMA EM FERENCZI E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

Autores: Ana Beatriz Siqueira da Cruz¹, Natalia Feichtenberger Carneiro Vezzani², Raphael Chagas Rechilian³, Thayná Simões Penha⁴, Lauro Take Tomo Veloso⁵

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, anabesiqueira20@gmail.com, nataliavezzani@gmail.com, raphaelrechilian@gmail.com, tsimoespenha@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com.

Resumo

A teoria de Ferenczi sobre o trauma enfatiza que é um evento real, cuja experiência é subjetiva e composta por elementos intrapsíquicos e interpessoais. O trauma, segundo o autor, desenvolve-se em três tempos, onde cada um terá seu papel crucial na consolidação do caráter patogênico. O artigo discute o pensamento de Sándor Ferenczi no capítulo Reflexões sobre o trauma, presente em Obras Completas – Psicanálise IV (1934), explorando conceitos fundamentais: a segurança de si antecedendo o choque traumático, o desmentido como agravante do sofrimento psíquico e o *Katonadalog*, termo húngaro que remete ao deslocamento e à dissociação defensiva frente ao insuportável. Inicia-se a compreensão ferencziana do trauma como ruptura da continuidade psíquica e corporal, onde a confiança prévia — no próprio sujeito ou no outro — potencializa o impacto da experiência. Ferenczi descreve a identificação com o agressor, a clivagem e a fragmentação como mecanismos centrais de defesa diante do trauma, onde o sujeito separa sentir e saber para suportar a experiência. O artigo discute como tais conceitos se articulam e como constituem psiquicamente um sujeito, desde as marcas irrepresentáveis até a possibilidade de reorganização simbólica. Conclui-se destacando as implicações técnicas, como a elasticidade da técnica e o “sentir com”, fundamentais para o tratamento de pacientes com histórico traumático precoce.

Palavras-chave: Trauma. Ferenczi. Constituição psíquica. Desmentido. *Katonadalog*.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas; Psicologia.

Introdução

Sándor Ferenczi, psicanalista húngaro e um dos principais interlocutores de Freud, desenvolveu uma teoria singular sobre o trauma, marcada pela atenção à dimensão intersubjetiva e à relação precoce entre criança e cuidador. No escrito Reflexões sobre o trauma (1934), Ferenczi descreve o trauma não apenas como um evento externo de intensidade avassaladora, mas como uma experiência marcada por fatores subjetivos que determinam seu alcance e gravidade. Ferenczi desloca o enfoque da clínica do recalque para a clínica da clivagem, observando que diante de violências físicas, morais ou psicológicas, especialmente na infância, o sujeito tende a se fragmentar.

Este artigo analisará cinco conceitos centrais dos textos do autor relacionados ao trauma: (1) o fato de que o trauma é, muitas vezes, antecedido por um estado de “segurança de si”, cuja ruptura agrava a comoção psíquica; (2) os tipos de trauma, separados em estruturante e desestruturante; (3) o desmentido, entendido como a negação do ambiente frente ao relato do sujeito; (4) o *Katonadalog*, que designa uma reação psíquica de deslocamento e dissociação diante do insuportável; (5) a clínica da clivagem, onde a simples interpretação não é suficiente, a escuta precisa se voltar para os estados fragmentados, regressivos e muitas vezes inomináveis que se manifestam na transferência. Em

seguida, será articulado as noções dos desdobramentos do trauma na formação da constituição psíquica, com foco nas implicações clínicas.

Metodologia

O presente artigo trata-se de uma revisão bibliográfica das obras de Ferenczi e de revisões atuais da literatura do autor. O trabalho foi desenvolvido a partir da análise e sistematização do livro Obras Completas – Psicanálise IV (1934), especificamente o capítulo Reflexões sobre o trauma. Ademais, foram utilizados vídeos de releitura e interpretação crítica das obras de Ferenczi e artigos. Inicialmente, foi realizada a leitura integral do texto e a identificação dos principais conceitos em paralelo a esses materiais de apoio. Em seguida, organizou-se os conteúdos em eixos temáticos, permitindo a elaboração de uma síntese teórica e de um panorama das implicações propostas pelo autor. Por fim, produziu-se uma articulação entre os conceitos, visando apresentar de forma clara e objetiva as contribuições do autor para a compreensão e manejo clínico do trauma.

Resultados e discussão

A reflexão de Ferenczi sobre o trauma parte da compreensão de que muitas experiências dolorosas são antecedidas por uma sensação de segurança e confiança. Antes do choque traumático, a criança, ou o adulto, geralmente se apoia em uma base de previsibilidade, seja na confiança em sua própria capacidade de lidar com o mundo ou na expectativa de acolhimento por parte de figuras significativas. Quando essa confiança é brutalmente rompida por uma experiência violenta, o sofrimento se intensifica, pois a ferida não decorre apenas do ataque em si, mas também da destruição súbita dessa base de apoio, fragilizando a constituição psíquica.

Ferenczi propôs que o trauma pode assumir duas formas, sendo estruturante ou desestruturante. No primeiro caso, o trauma é entendido como parte inerente ao desenvolvimento da constituição psíquica e identidade do sujeito, manifestando-se em pequenas frustrações, decepções ou limites impostos pelo ambiente externo que possibilitam à criança criar recursos psicológicos, fortalecer o eu e reter valores e a moralidade social e parental. Quando essas experiências são mediadas pelo cuidado e pelo reconhecimento do adulto, tornam-se experiências elaboráveis e contribuem para a constituição psíquica. Já no caso do trauma desestruturante, trata-se de acontecimentos que ultrapassam a capacidade de simbolização do sujeito, como situações de violência intensa em que a criança não encontra mecanismos psíquicos para processar o vivido. Nesses casos, há uma ruptura da continuidade do eu, gerando um desamparo radical e podendo desencadear alguns mecanismos defensivos, como a clivagem do eu, a identificação com o agressor ou até o silenciamento da experiência.

É a partir dessa compreensão que Ferenczi descreve o trauma como um processo que se desdobra em três tempos. O primeiro corresponde ao indizível, momento em que ocorre a violência, seja de ordem física, moral ou psicológica, e no qual a criança vivencia a ruptura da continuidade psíquica e corporal. O segundo tempo é denominado tempo do testemunho, quando a criança, após a violação, busca um adulto de confiança para comunicar que algo aconteceu, gesto que representa sua tentativa de busca de acolhimento, proteção e validação da experiência. O terceiro tempo é o tempo do desmentido, que ocorre quando o adulto que deveria oferecer acolhimento nega, minimiza ou até responsabiliza a própria criança pelo ocorrido. Dessa forma, mais do que o evento violento em si, é a ausência de reconhecimento do sofrimento que confere caráter traumático à experiência, fragilizando a coesão do eu e dificultando sua elaboração simbólica. O desmentido configura-se, portanto, como a fase crucial para o desenvolvimento do trauma desestruturante, funcionando como um “segundo trauma” que não apenas amplia o dano inicial, mas também obriga a criança a duvidar de suas próprias percepções, comprometendo a confiança na sua realidade psíquica e na possibilidade de estabelecer relações de confiança com o outro. Nessa dinâmica, a coesão do eu pode ser gravemente abalada, abrindo espaço para a possibilidade de uma clivagem como recurso de sobrevivência psíquica.

Um exemplo que reflete as observações de Ferenczi sobre trauma e o desmentido é o filme “Acredite em Mim”, que conta a história de uma jovem que foi sequestrada e abusada sexualmente. Apesar de sua experiência traumática, a protagonista enfrenta a descrença e o desprezo de muitas pessoas ao seu redor, sendo acolhida apenas posteriormente por um policial que leva em consideração seu relato.

Baseado em um caso real, esse filme evidencia como o reconhecimento de um trauma, por meio da quebra do desmentido, pode influenciar o desfecho de situações de abuso.

No filme, a protagonista enfrenta o desmentido por parte de familiares e autoridades, e essa descrença reforça a fragmentação psíquica provocada pelo trauma, dificultando que a vivência seja simbolicamente integrada. Essa negação impede que a vítima processe emocionalmente o abuso, favorecendo mecanismos defensivos conforme abordados por Ferenczi. Apesar disso, a protagonista demonstra resiliência, mesmo sem reconhecimento inicial ela mantém a esperança de que alguém acreditará em seu relato.

A mudança ocorre quando um policial finalmente acolhe seu depoimento e confia em sua narrativa, marcando o início de um processo de validação do trauma. Esse reconhecimento externo cumpre um papel semelhante ao do analista clínico, assim como na psicoterapia, a escuta atenta e a confiança no relato do sujeito permitem que ele comece a reconstruir sua subjetividade. Ferenczi, em seus apontamentos sobre o manejo clínico de traumas, enfatiza justamente a importância da empatia, do apoio e da validação da experiência traumática como condições fundamentais para que o sujeito consiga integrar simbolicamente o evento e elaborar emocionalmente o trauma. O fato de Lisa McVey, na vida real, ter se tornado policial e trabalhar com casos de abuso infantil ilustra o impacto positivo do acolhimento, já que ela busca garantir que outras vítimas também recebam reconhecimento, apoio e a oportunidade de reconstruir suas vidas, evitando que passem pelo mesmo isolamento que ela enfrentou.

Nesse contexto, Ferenczi também analisou os mecanismos de introjeção e projeção. A introjeção, que pode ser saudável ou patológica, consiste na assimilação de aspectos do outro: uma criança apoiada internaliza confiança e autoestima, enquanto uma criança desmentida introjeta a voz acusatória do agressor. A projeção funciona como defesa, permitindo que o sujeito atribua ao outro aquilo que não suporta em si, como raiva ou inveja. Esses processos interagem com a dinâmica traumática e influenciam a constituição psíquica.

A clivagem do eu é um mecanismo de defesa radical, acionado diante de situações extremas em que a elaboração simbólica é impossível. Diferente da repressão, o eu se fragmenta em partes incomunicáveis entre si, como na “confusão de línguas”, em que a criança vítima de abuso sexual se identifica com o agressor e mantém simultaneamente uma parte inocente e outra culpada. Embora patológica, a cisão preserva o psiquismo do risco de aniquilamento, com consequências que vão do amadurecimento precoce ao afastamento afetivo e à manutenção de um núcleo infantil isolado da experiência consciente. Ferenczi também utilizou o conceito de *Katonadalog*, ou “canto de soldado”, para descrever atitudes rígidas que funcionam como blindagem contra a dor, mas que podem cristalizar-se, bloqueando a espontaneidade e a possibilidade de elaboração simbólica.

Há ainda um paradoxo intrigante entre a introjeção e a projeção, visto que Ferenczi via a introjeção como um processo fundamental na formação do self desde a infância. Sendo assim, é muito plausível que se construa um falso self durante a experiência traumática para que esse falso self sirva como uma espécie de “outra versão do eu”, com a função de “escudo do eu verdadeiro” para que o indivíduo possa “terceirizar” as durezas e marcas traumáticas da realidade concreta, absorvendo-as indiretamente numa tentativa de suavizar essas angústias. O paradoxo surge quando Ferenczi também reconhece a importância da projeção como um mecanismo de defesa, onde o indivíduo se livra de aspectos indesejáveis de si mesmo, atribuindo-os ao outro, ou seja, é através da introjeção que o sujeito constitui o que futuramente será sua projeção defensiva.

A clínica da clivagem, portanto, exige do analista um manejo específico. Pacientes marcados por traumas precoces muitas vezes não respondem ao modelo interpretativo clássico. Ferenczi propõe a elasticidade da técnica, que envolve abandonar a rigidez da neutralidade e adotar uma postura empática, capaz de “sentir com” o paciente. O analista não deve repetir o desmentido original, mas sustentar com acolhimento aquilo que o paciente ainda não consegue simbolizar. Nesse contexto, a contratransferência adquire valor diagnóstico, permitindo ao analista captar os estados clivados que emergem na relação.

Conclusão

Ferenczi convida a compreender o trauma não apenas como fator isolado, mas como experiência intersubjetiva complexa. O autor mostra que o trauma não se restringe a um acontecimento isolado, mas se inscreve em um campo relacional marcado pela resposta do outro — sobretudo pela presença

ou ausência de acolhimento. Dessa forma, as reflexões do autor permanecem fundamentais para a compreensão do trauma e de seus desdobramentos na formação da constituição psíquica. Esse deslocamento teórico confere à clínica um novo horizonte, em que o sofrimento do paciente não pode ser reduzido a uma leitura estritamente pulsional, mas deve ser compreendido em sua dimensão intersubjetiva, atravessada pela experiência de desmentido e pela ruptura da segurança de si.

Em síntese, Ferenczi deslocou a psicanálise de uma perspectiva centrada exclusivamente na pulsão para uma clínica do trauma e da intersubjetividade. Mostrou que o trauma não se define apenas pelo acontecimento violento, mas sobretudo pela resposta do ambiente diante dele. Sua concepção de clivagem evidencia como o psiquismo, em situações de ameaça extrema, pode se clivar para sobreviver, preservando uma parte de si, ainda que ao custo de graves prejuízos. A clínica da clivagem, assim, é uma clínica do indizível e da fragmentação, em que o trabalho analítico se orienta pela reconstrução da confiança, pela reintegração do eu e pela possibilidade de que o sujeito volte a habitar sua própria experiência de forma mais completa.

Referências

ABRAS, Rosa. Ferenczi, **Uma clínica a partir do traumático**. Reverso, Belo Horizonte, v. 36, n. 67, p. 85-89, jun. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952014000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 Ago. 2025.

BELO, Fabio. **Reflexões sobre o trauma – Ferenczi – Parte 1**. 4 de out. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJY7NoRdeaQ&t=201s>. Acesso em: 10 Ago. 2025.

BELO, Fabio. **Reflexões sobre o trauma – Ferenczi – Parte 2**. 4 de out. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=igzOuEsMcBo>. Acesso em: 10 Ago. 2025.

BELO, Fabio. **Reflexões sobre o trauma – Ferenczi – Parte 3**. 4 de out. de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9_JhNg5jv-g. Acesso em: 10 Ago. 2025.

BELO, Fabio. Minicurso - **A teoria do trauma em Sandor Ferenczi**. 11 de jul. de 2025. Faculdade de Psicologia PUC Minas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=etTKr0EaCzY&t=3289s>. Acesso em: 10 Ago. 2025.

FERENCZI, Sandor; CABRAL, Alvaro. **Obras completas – Psicanálise IV**. 2. Ed. Santos – SP. WMF Martins Fontes. 2011.

LILA, Ana. **Trauma em Ferenczi e Winnicott**. Dez. 2008. V.10. n.2. São Paulo. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200005. Acesso em: 13 Ago. 2025.

ABRAS, Rosa Maria Gouvêa. **Ferenczi, uma clínica a partir do traumático**. Reverso, Belo Horizonte, v. 36, n. 67, p. 85-89, jun. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952014000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 Ago. 2025.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.